

Mozart Soriano Aderaldo

“À Sombra dos Tamarindos”

Que o hipotético leitor me perdoe se falo com frequência de Mossoró e de suas gentes e coisas. É que, neto de mossoroense das primitivas eras, dedico à terra de um de meus quatro avós afeição incontrolável. E quando a oportunidade chega, interrompo tudo e falo de lá, de sua história (aliás rica heróica) e de seus pró-homens.

Agora recebo e leio, com real agrado, livro de escritor mossoroense (embora não nascido precisamente lá, mas em suas imediações), repositório de dados precisos sobre aquela grande cidade do oeste potiguar, cearense em muitos de seus aspectos.

Trata-se de um livro de memórias — *À Sombra dos Tamarindos* —, escrito por Raimundo Nonato, “exilado” no Rio há algum tempo mas sempre ligado à terra de origem (Coleção Mossoroense, vol. 83. Gráfica Olímpia Editora Ltda., Rio, 1979, sob o patrocínio do Banco do Nordeste do Brasil).

É livro que não se larga, uma vez iniciada sua leitura. Livro grude, gostoso, pelos fatos narrados, pelas personagens revividas, pelo jeito especial que tem seu autor de dizer as coisas. Dele bem falou o grande Câmara Cascudo, que o leu ainda em original: — “Que livro consolador e comovente, Nonato. Os cemitérios despovoam-se para que os fantasmas voltem a constituir figuras humanas na paisagem natural de outrora. Que potencial de entendimento e ternura, valorizando as atividades mais diversas e os temperamentos mais distanciados...” São palavras incontestáveis, oriundas do mestre de fato, de direito e por legítima conquista...

O autor dessa preciosa obra nasceu na Serra dos Martins, lá cambitando cana para engenho de rapadura e lenha para

a casa-de-farinha, na jornada que principiava com a madrugada e se estirava até o pôr do sol. No 19, desceu para as pancadas do mar e esbarrou em Mossoró, onde foi engraxate, lavador de pratos em restaurante, vendedor de pão e caixeiro de bodega do mercado público. Já taludo, desasnou-se em modesta escola noturna, fez depois o curso normal e saiu professor primário em 1925. Descoberta sua vocação, exerceu-a a vida quase toda, até que se fez bacharel em direito lá para as bandas das Alagoas. Depois, como Juiz no Apodi, ensejou-se-lhe a oportunidade de escrever os muitos livros de sua lavra, quase todos de história, biografia e memória, o último dos quais é arremate feliz de sua longa e profícua trajetória. Oswaldo Lamartine, que apreciou a obra em bem lançado prefácio, disse tudo fala. E afirma que *A Sombra dos Tamarindos* se constitui de “meia centena de estudos biográficos de viventes daqueles chãos na tinta indelével de pinhão bravo”. Não somente isto, mas memorial legítimo, à custa do relato da vida alheia. Quando fala dos outros, Raimundo Nonato muito explica de si próprio e de Mossoró como um todo. É mais ele mesmo do que qualquer outra coisa ou pessoa, embora disfarçadamente, timidamente, manhosamente, como costumam fazer os nordestinos legítimos... Por isso é que Câmara Cascudo, sempre penetrante, inteligente e agudo, afirma que “foi possível a ressurreição pela substância sentimental de Nonato, dando a todos calor, movimento e voz, recursos misteriosos da Vontade teimosa e doce”. E não se conteve o grande historiador e folclorista, pedindo as bênçãos de Deus para o autor dessa obra, *Ventania do Martins, Poeira doirada de Mossoró, Coração de Anjo, Diabinho do Paraíso*.

Malgrado os tropeços de uma revisão descuidada *A Sombra dos Tamarindos* é livro que recomendo sem susto, pois os episódios nele narrados, locais embora, são universais e humanos, como universal e humana é a comovente mensagem de seu autor, prova do espírito democrático da sociedade brasileira, em que se ascende do mínimo ao máximo.

No Mundo da Ficção Científica

Chega-me, por mãos amigas, exemplar do último romance do paulista-brasiliense Almeida Fischer, espécie de ficção científica que foge, entretanto, ao fantasmagórico das obras congêneres (*O Rosto Perdido* 2.^a edição, Editora Record, Rio de Janeiro, 1978).